

O PESSIMISMO COMO CRÍTICA DO PROGRESSO NO ENSAIO SOBRE O SURRELISMO DE WALTER BENJAMIN

FELIPE YURI GINO DE ABREU - Mestrando em Filosofia pela
Universidade Estadual do Ceará (CMAF/UECE).
felipe.yuri.abreu@gmail.com

Resumo: Em seu ensaio *O surrealismo: o último instantâneo da inteligência europeia* (1929), Walter Benjamin afirma que a aproximação entre surrealismo e comunismo está relacionada à proposta surrealista de pessimismo total. Benjamin aponta como resultado desse pessimismo uma desconfiança quanto ao destino da liberdade, quanto ao rumo da história, quanto ao entendimento entre as classes, ou seja, uma suspeita quanto a qualquer esperança ou ideia de progresso. Resulta desta percepção o objetivo principal deste trabalho que é o de discutir a relação entre esse pessimismo surrealista e a crítica de Benjamin ao progresso. Com a finalidade de alcançar a tal objetivo, buscaremos desenvolver uma explanação sobre o modo como tais conceitos são abordados por Benjamin tanto no texto sobre o surrealismo de 1929 quanto nas teses *Sobre o conceito de história* de 1940.

Palavras-chave: *Surrealismo; Vanguarda; Crítica do Progresso.*

Introdução

Fazer uma descrição sobre a experiência surrealista com todos os seus pormenores não é a finalidade maior de nosso trabalho, assim como, não era a meta final de Walter Benjamin em seu ensaio sobre o surrealismo. Ao contrário, concentraremos nossa discussão num recorte bem preciso acerca da crítica benjaminiana a este movimento de vanguarda que não deve e nem poderia ser considerado apenas como um movimento artístico ou poético.¹ A atitude surrealista, que o leva a ser um movimento com a pretensão de ir além da arte, nos parece ser fruto de seu tempo. Visto que o movimento se desenvolve no período entre as duas grandes guerras do século XX, e seus grandes nomes são testemunhas do horror da guerra, da crise econômica e da possibilidade de revolução. Diante deste horizonte histórico a lírica surrealista se põe em oposição ao eu cartesiano. Enquanto este mergulha em si mesmo a fim de que pelo processo de reflexão a razão possa livrar-se do erro indubitavelmente, o surrealismo, como testemunha das contradições de seu tempo, não é capaz de confiar cegamente nas certezas da razão e propõe uma visita às possibilidades advindas do erro. Como salienta Jeanne Marie Gagnebin:

Com efeito, não se trata mais de não ser enganado — esse medo constante de Descartes —, mas sim de aproveitar o(s) erro(s), a(s) errância(s), o errar sob todas as suas formas para poder fugir da prisão da identidade, da razão, do cotidiano e do aborrecimento.²

Contudo, essa fuga do cárcere da razão não significa uma adesão a um irracionalismo, é antes, um experimento, o de levar a linguagem e a própria razão a seus limites.³ É, por desconfiar das certezas da razão, operar no limiar entre esta e a loucura, entre o sonho e a vigília. A desconfiança quanto à razão, iluminadora e guia do mundo moderno, é, no nosso entender, análoga a desconfiança quanto ao progresso histórico,

¹ Cf. BENJAMIN, Walter. *O surrealismo: o último instantâneo da inteligência europeia*. In: *Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos*, p. 106.

² GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete Aulas sobre Linguagem, Memória e História*. p. 156.

³Cf. Idem, p. 157.

tema central de nossa discussão.

Portanto, fixamos os limites de nossa exposição em tratar da posição pessimista assumida por Benjamin acerca do desenvolvimento histórico. Pessimismo este, evocado pelo crítico alemão em seu ensaio sobre o surrealismo, e que, como salienta Michael Löwy:

O pessimismo está aqui a serviço da emancipação das classes oprimidas. Sua preocupação não é com o “declínio” das elites ou da nação, mas sim com as ameaças que o progresso técnico e econômico promovido pelo capitalismo faz pesar sobre a humanidade.⁴

No texto sobre o surrealismo é evidente que o pessimismo, ou melhor, o pessimismo total deve ser compreendido como uma característica incontestada do movimento. Na obra supracitada, além de afirmar esta propriedade do surrealismo, Benjamin a põe em confronto com o otimismo em relação ao progresso, presente no programa dos partidos burgueses e socialdemocratas.

Em nosso trabalho, discutiremos o modo como Walter Benjamin aborda esse caráter pessimista do surrealismo, sendo tal discussão guiada pela seguinte tese: a questão do pessimismo presente no texto de 1929 pode ser entendida como um dos momentos germinais da crítica benjaminiana ao progresso e a socialdemocracia que aparece nas teses *Sobre o conceito de história* de 1940, o que torna possível uma articulação entre os conceitos presentes nesses dois textos.

⁴ LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. p. 23

Pessimismo e surrealismo

A obra *A revolução e os intelectuais* (1928) do escritor surrealista Pierre Naville contém em sua proposição de “organizar o pessimismo” como ordem do dia o ponto de encontro entre o surrealismo e o comunismo.⁵ O pessimismo aparece então em sentido antagônico frente à postura otimista da socialdemocracia que com sua fé incessante na marcha da história acredita num futuro onde o fim das contradições sociais surgiria como resultado final do curso natural do progresso.⁶ Benjamin ilustra sua posição a respeito desse devaneio socialdemocrata da seguinte forma:

O socialista vê aquele “futuro melhor para nossos filhos e netos” num mundo em que todos agem “como se fossem anjos”, em que todos têm posses “como se fossem ricos”, e todos vivem “como se fossem livres”. De anjos, riqueza e liberdade - nem sombra. Apenas imagens.⁷

Mas, o que faz com que o pessimismo aproxime surrealismo e comunismo? Para elucidar tal questão recorreremos à nona tese de *Sobre o conceito de história*, pois nesta, ao descrever o quadro *Angelus novus* de Paul Klee, Benjamin acaba *desenhando* com suas palavras um novo *quadro*, no qual o *Anjo da história* vê com espanto a mesma catástrofe se repetindo continuamente: “Onde uma cadeia de eventos aparece diante de nós, ele enxerga uma única catástrofe, que sem cessar amontoa escombros sobre escombros e os arremessa a seus pés”.⁸ Então, poderia, aquele (o materialista histórico) que percebe no contínuo da história a repetição cíclica de uma mesma catástrofe, ter a vã esperança de que a sociedade sem classes seja inevitavelmente alcançada como uma meta final do progresso? Entendemos que tanto a resposta surrealista para essa questão quanto a do

⁵ Cf. BENJAMIN, Walter. *Op. cit.* p. 114.

⁶ Sobre essa questão afirma Michael Löwy: “(...) para a ideologia conformista, o Progresso é um fenômeno ‘natural’, regido pelas leis da natureza e, como tal, inevitável, irresistível.” LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. p. 93.

⁷ BENJAMIN, Walter. *Op. cit.* p. 114.

⁸ BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. Tese IX. In. LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. p. 87.

materialismo histórico seria negativa, pois como afirma Benjamin:

O surrealismo tem se aproximado cada vez mais de uma resposta comunista. E isso significa: pessimismo total. Desconfiança quanto ao destino da literatura, desconfiança quanto ao destino da liberdade, desconfiança quanto aos rumos da história europeia, e sobretudo uma desconfiança total em todo tipo de entendimento: entre as classes, entre os povos, entre os indivíduos. E uma confiança ilimitada apenas na indústria bélica e no aperfeiçoamento da força aérea para fins pacíficos.⁹

A urgência desta desconfiança quanto ao futuro aproxima o surrealismo do comunismo, ao mesmo tempo, fortalece a crença no presente que é o lugar por excelência da ação política. Contudo, entendemos ser aí que se encontra um dos limites do movimento surrealista, pois apesar do reconhecimento quanto ao pessimismo de Pierre Naville, não podemos deixar de lembrar o incômodo que Benjamin demonstra em relação ao *Nadja* de André Breton. Quando a curiosidade quanto ao futuro leva Paul Éluard a bater na vidraça da vidente a fim de saber a respeito do seu porvir,¹⁰ uma questão logo vem à tona: como tornar compatível uma visão pessimista em relação ao futuro com uma curiosidade esperançosa a respeito deste? Compreendemos que a resolução de Benjamin para esta questão seja a seguinte: o sujeito histórico não tem a necessidade de saber seu futuro, pois o instante da redenção é o presente, o materialista histórico deve saber que é caminhando que se abrem os caminhos (parafrazeando Belchior).¹¹ Walter Benjamin aponta para esta solução em *O caráter destrutivo*, texto de 1931, ao afirmar que: “O caráter destrutivo não se fixa numa imagem ideal. Tem poucas necessidades, e a menos importante delas seria: saber o que ocupará o lugar da coisa destruída.”¹²

⁹ BENJAMIN, Walter. *O surrealismo: o último instantâneo da inteligência europeia*. In: *Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos*. p. 114.

¹⁰ BENJAMIN, Walter. *Op. cit.* p. 108.

¹¹ Cf. FERNANDES. Antônio Carlos Gomes Belchior Fontenelle. *Brincando com a vida*. In: Belchior. *Todos os sentidos*. Rio de Janeiro: Warner, 1978. Faixa 3. Mp3.

¹² BENJAMIN, Walter. O Caráter destrutivo. In: *Documentos de cultura, documentos de*

Eis aí o problema da socialdemocracia, abandonar a prática revolucionária em prol de uma confiança otimista na marcha do progresso. Um otimismo que fixa sua visão numa imagem ideal de futuro. E isto é justamente o que defendiam os defensores do neokantismo,¹³ sustentáculo filosófico da socialdemocracia, que concebe a busca pela sociedade sem classes como um ideal, que não é outra coisa senão, uma tarefa infinita. Contudo, o materialista histórico deve ter a clareza de que, como nos adverte Benjamin: “*A sociedade sem classes não é a meta final do progresso na história, mas, sim, sua interrupção, tantas vezes malograda, finalmente efetuada*”.¹⁴

A desconfiança em relação à razão e o pessimismo quanto ao futuro aparecem como duas faces de uma mesma moeda. Ambas brotam da percepção de que, seja por se esperar um futuro onde não existam mais contradições entre classes, ou ainda, por crer que o desenvolvimento técnico e científico, resultantes do protagonismo da razão, resolveria os problemas da humanidade, não é prudente confiar a experiência cotidiana aos desígnios de um ideal.

Assim, concluímos que o entusiasmo demonstrado por Walter Benjamin em relação ao surrealismo se deve à postura negativa adotada pelo movimento frente às questões aqui discutidas. Deste modo, o surrealismo desenvolveu sua prática estética e política tendo em vista a expor a crise do protagonismo da razão e acaba apontando para novas possibilidades de percepção, compreensão e intervenção social.

barbárie: escritos escolhidos. p. 187.

¹³ Na tese XVII a de *Sobre o conceito de História*, Benjamin, se referindo ao neokantismo afirma que: “E essa doutrina era a filosofia elementar do partido socialdemocrata - de Schmidt e Stadler a Natorp e Vorlander.”. BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. Tese XVII a. In. LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. p. 134

¹⁴ Idem. p. 134

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. O Caráter destrutivo. In: *Documentos de cultura, documentos de barbárie*: escritos escolhidos. Seleção e apresentação Willi Bolle; tradução Celeste H.M. Ribeiro de Sousa... I et. al.1. - São Paulo: Cultrix : Editora da Universidade de São Paulo. 1986.

BENJAMIN, Walter. *O surrealismo*: o último instantâneo da inteligência europeia. In: *Documentos de cultura, documentos de barbárie*: escritos escolhidos. Willi Bolle; tradução Celeste H.M. Ribeiro de Sousa... I et. al.1. - São Paulo: Cultrix : Editora da Universidade de São Paulo. 1986.

BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. Tradução de Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Muller In. LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant. - São Paulo: Boitempo, 2005.

FERNANDES. Antônio Carlos Gomes Belchior Fontenelle. *Brincando com a vida*. In. Belchior. *Todos os sentidos*. Rio de Janeiro: Warner, 1978. Faixa 3. Mp3.

GAGNEBIN, Jeanne Marie . *Sete Aulas sobre Linguagem, Memória e História*. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1997. v. 1. 1p .

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant, [tradução das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Muller. - São Paulo: Boitempo, 2005.